

# Uma infância sem cidadania no cafezal

**A**s filhas de Maria do Socorro, 28 anos, passam a maior parte do dia implorando com os cachorros no quintal de casa. Moram em Buritis, recente povoado encravado na floresta, que registra uma taxa curiosa: uma média de cinco vira-latas por lote. Os bichos sem pedigree são a principal companhia das crianças, talvez por uma característica em comum. Gislane, 7 anos, Josiane, 4, e a caçula Eliete, 3, não têm registro. À luz do direito civil, as filhas de Maria do Socorro sequer nasceram, pois nem o nome carregam na certidão de nascimento.

Gislane está em idade escolar, mas nunca entrou numa sala de aula. "Ela não conseguiu a matrícula pois o colégio pediu a certidão", comenta a mãe. Em Buritis outras Gislanes estão crescendo tendo como lição de casa o trabalho na lavoura. São crianças sem identidade, obrigadas a entender desde cedo a linguagem da enxada.

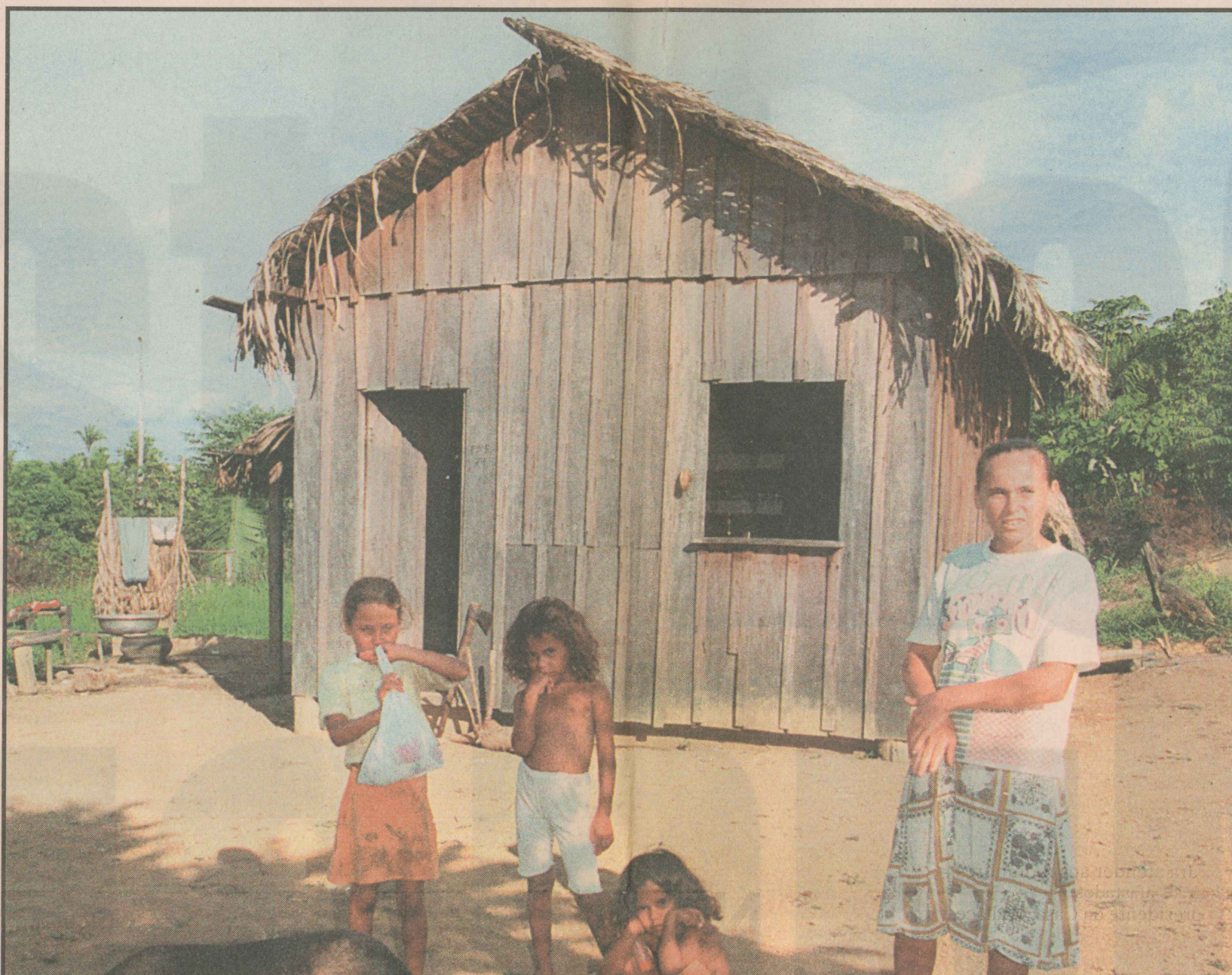
Érica, 9 anos, a filha mais velha de Maria do Socorro, abandonou a única chance que tinha para se alfabetizar. Deixou o colégio para ajudar na sobrevivência da família. Não sabe ler, mas esbanja força de trabalho. O caminho de volta para o colégio se perdeu nos cafezais onde Érica faz a colheita ao lado do pai.

Em Buritis, a cidadania e a luz elétrica ainda estão para chegar. A afastada localidade no Interior de Rondônia parece ser o resultado do Brasil das CPIs, dos escândalos de corrupção e dos juros altos. As outras filhas de Maria do Socorro seguem o mesmo destino. Bebem a água do poço, bem próximo a uma fossa, enquanto a mãe lamenta a dificuldade de tirar o registro das meninas.

"Aqui não tem cartório. Para fazer a certidão temos que ir para Ariquemes, que fica distante. Só

Os moradores das áreas rurais mais afastadas de Rondônia encontram dificuldades para chegar à cidade. Os serviços de transporte são precários. O serviço médico também não atende à demanda de pacientes, vítimas de moléstias da Amazônia. Muitas crianças deixam de freqüentar a escola por falta de uma simples certidão de nascimento.

MÁRCIO CASTILHO - ENVIADO ESPECIAL



## Sem terra e até sem sobrenome

Em busca de terra, trabalho e comida, Geraldo, 36 anos, deixou Santa Maria de Jetibá, na serra capixaba. Em Rondônia, encontrou um acampamento de sem-terra, o desemprego e a fome. Não restou-lhe nem mesmo o sobrenome. Ninguém está autorizado a fornecer a identidade completa naquela fazenda, ocupada na localidade de Espigão do Oeste, a 500 quilômetros da capital Porto Velho. São as regras do movimento.

Antes de abandonar o solo capixaba, Geraldo vivia numa casa humilde, porém digna. Não imaginava dormir, ao lado da mulher e dos quatro filhos, sob o "teto" de uma empoeirada lona preta armada com pedaços de bambu. Assim vivem outras 100 famílias que invadiram, no início do mês, a fazenda sem áreas de plantio, saneamento ou luz elétrica. Seria uma filial do inferno não fossem os dez anos de vida na rua enfrentados por Geraldo e a família.

"Na ocupação talvez a gente receba uma cesta básica do Governo", disse.

As crianças correm inocentes pelo acampamento, embora já conheçam uma realidade cruel: a luta pela sobrevivência. Não têm estudo. A lição de casa é entender, desde cedo, que sem as invasões não haveria assentamento, como ensina Alicate, 21 anos, apelido herdado na época em que trabalhava numa máquina de moagem, na cidade rondoniense de Ouro Preto do Oeste.

Ele tinha 12 anos quando foi obrigado a mexer na engenho com apenas uma semana de trabalho. A máquina tragou uma de suas mãos, restando-lhe somente dois dedos em forma de alicate. Os ir-

Ariquemes, que fica distante. Só com muitas sacas de café a gente vai conseguir pegar um ônibus e fazer o documento. Custa muito caro. Só peço que elas tenham saúde, coragem e ânimo para enfrentar a vida”, pede Maria do Socorro.

As crianças não têm grandes ambições, apenas pedem uma boneca mais nova, único resquício de infância naquele pedaço de terra dominado por vira-latas.

## Migrante vira barão do café

As conquistas do agricultor capixaba Hélio Sartório em Rondônia são o sopro de esperança para quem deixa o Espírito Santo rumo a um futuro de expectativas e incertezas em outro Estado. O exemplo do fazendeiro, que saiu de Vargem Grande em 1972 para produzir café em Ji-Paraná, motiva até mesmo o mais incrédulo dos migrantes. São mais de 30 áreas espalhadas pela região, quatro mil cabeças de gado e 300 mil mudas plantadas de café, um império construído com a força de trabalho.

A pinga faz parte de uma rotina que o fazendeiro cumpre religiosamente quando volta do cafezal. “A cachaçinha não pode faltar. Ajuda a relaxar”, afirma. O agricultor trabalha de domingo a domingo. Nos primeiros anos em Rondônia, Sartório também encontrou adversidades.

“Em lugar novo você tem que fazer de tudo. Demorei três anos para começar a ganhar dinheiro. Tinha dias que sentava na beira da estrada e só pensava em voltar”, recorda.

Depois de 28 anos de persistência no outro lado do Brasil, Sartório montou uma infra-estrutura completa para a produção do café, desde a plantação até o transporte e o beneficiamento.



### Miséria

As filhas de Maria do Socorro não conhecem a escola. A mãe tentou matricular uma das crianças, mas o colégio não aceitou. Ela não tinha a certidão de nascimento. A menina deverá trocar os livros pelo trabalho na enxada

# Cidade capixaba em Rondônia

A placa na entrada da cidade anuncia: “Espigão está feliz com a sua chegada. Sinta-se em casa”. Alguns metros depois e o viajante parece realmente não ter saído dos limites do Espírito Santo. O supermercado Colatinense e a Funerária São Mateus são as primeiras referências do lugar. Em Espigão do Oeste – situado no outro canto do país, a 52 horas do município que inspirou o nome

do supermercado – nem o prefeito foge à regra.

Natural de Laranja da Terra, Arlindo Dettmann administra o município mais capixaba de Rondônia. A Prefeitura estima que 70% dos 24 mil habitantes são do Espírito Santo, oriundos principalmente da região pomerana. “Os capixabas contribuem com 60% da arrecadação total de R\$ 400 mil”, calcula o prefeito.

Domingo, 16 de maio. Enquanto os pais chegam para assistir ao culto, os filhos participam da aula de educação religiosa. São nestes dias que a influência pomerana em Espigão sai dos cafezais para lotar a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. No colégio, a professora Noilda Lima, 26 anos, explica que as crianças na igreja costumam ficar dispersas, por isso frequentam o culto infan-

til. “Aqui eles prestam mais atenção”, afirma.

A influência tem origens históricas. Nos anos 70, os desbravadores transportaram um pedaço do Espírito Santo para Espigão. “Antigamente tudo era muito difícil. A gente levava um dia entre Pimenta Bueno e Espigão”, recorda o pioneiro Martino Tesch. O percurso hoje não demora mais do que uma hora.

### INFERNO VERDE

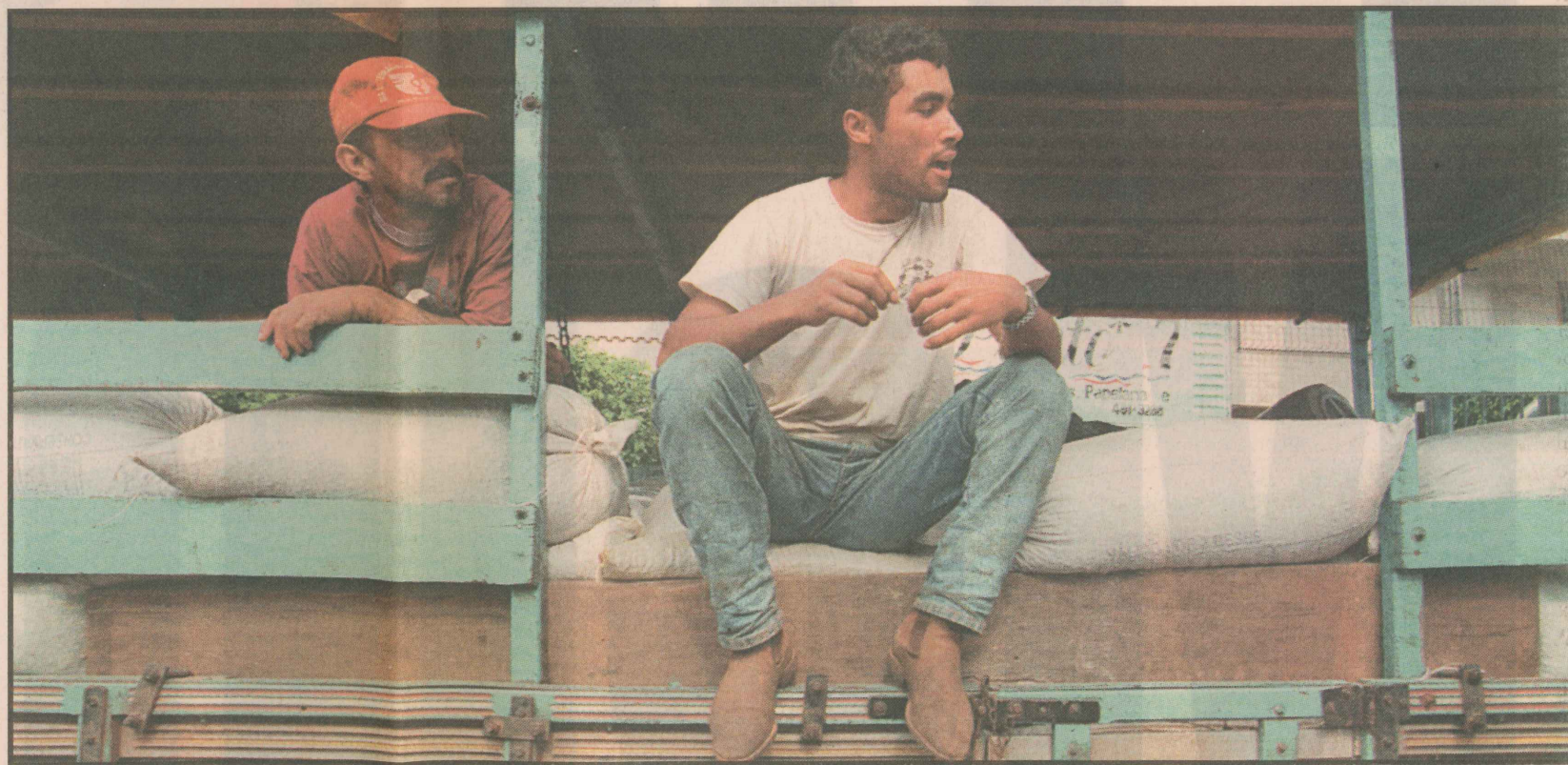
#### Soldados da borracha

Durante a 2ª Guerra Mundial, Rondônia era um ‘front’ mais violento do que as frentes de batalha, contam os “Soldados da Borracha”. Na Amazônia, Raimundo Nonato travava uma guerra particular contra os índios, as onças e a malária. “Muita gente morreu flechada por índio. Ele não guarda rancor contra os legítimos habitantes do lugar. Tanto que adotou uma índia, abandonada aos dois anos.

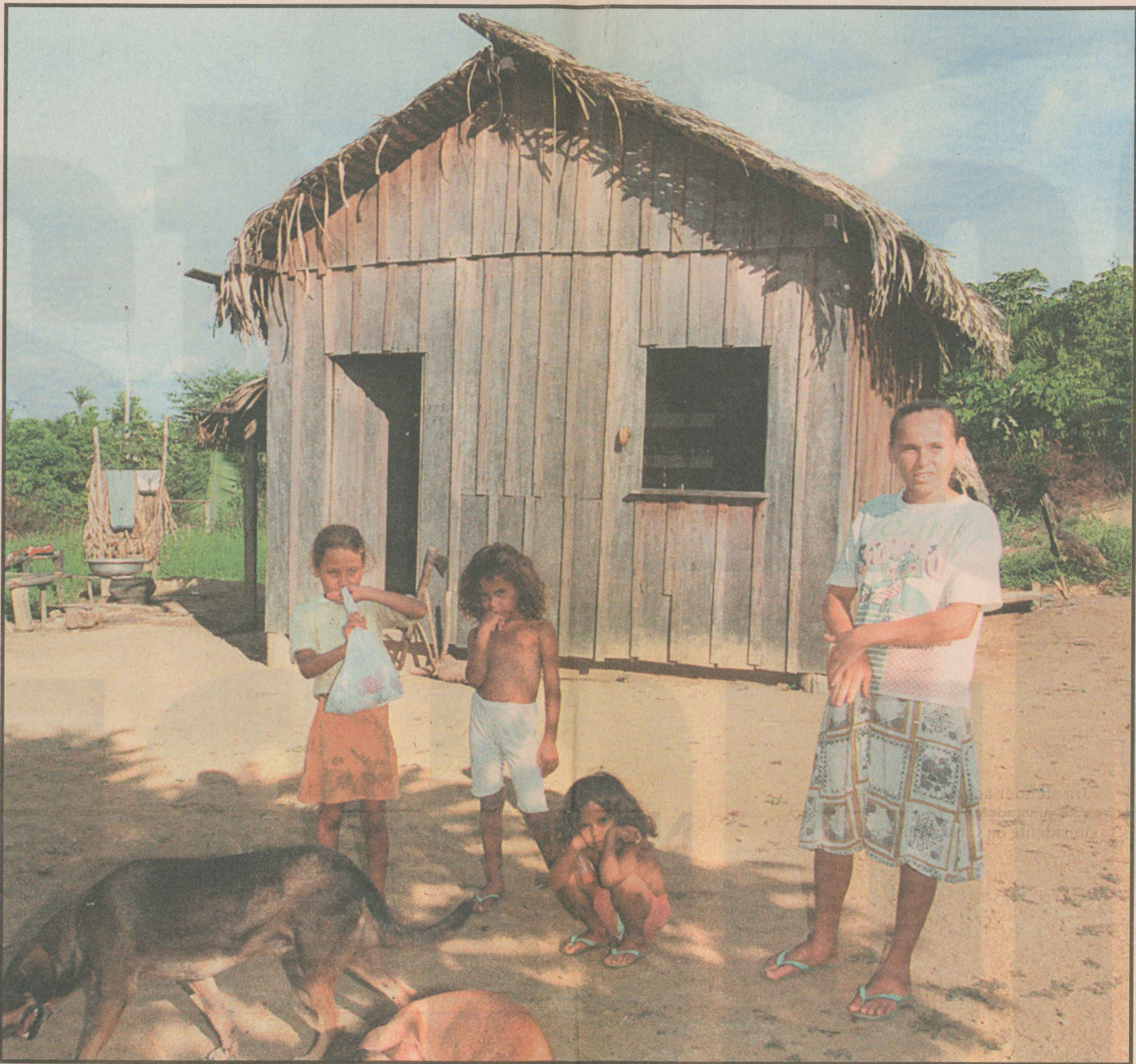
### PAU-DE-ARARA

#### Da roça para a cidade

No dia 20 de cada mês, a frota de paus-de-arara ganha reforço. É o dia do pagamento na cidade, data em que os lavradores recebem o dinheiro pela venda do leite. A condução leva os sítiantes para as compras na cidade. Com um itinerário partindo da roça, o caminhão percorre 75 km, transportando até 60 pessoas. Gilberto Neris, 25 anos, trabalha como cobrador de pau-de-arara. “A passagem mais cara custa R\$ 6,00 para quem mora nas áreas mais distantes”, explica.



Amanhã, novos assentamentos registram cinco mil casos de malária este ano



Miséria

As filhas de Maria do Socorro não conhecem a escola. A mãe tentou matricular uma das crianças, mas o colégio não aceitou. Ela não tinha a certidão de nascimento. A menina deverá trocar os livros pelo trabalho na enxada